

# PERFIL COMUNICATIVO DE CRIANÇAS QUE INGRESSARAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL APÓS OS CINCO ANOS DE IDADE

*Communicative profile of children who entered in primary school after the age of five*

Artigo Original

## RESUMO

**Objetivo:** Caracterizar os comportamentos comunicativos emitidos por crianças que ingressaram na Educação Infantil após os cinco anos de idade. **Métodos:** Tratou-se de um estudo descritivo, realizado numa cidade do interior do estado do Paraná, nos anos de 2007 e 2008, em ambientes escolar e domiciliar. Doze crianças, de ambos os gêneros, participaram do estudo, com idade variando entre 5 anos e 2 meses e 6 anos completos, além de suas mães e respectivos professores. Entrevistas foram feitas com as mães e aplicação de questionário com os professores. Em seguida, observações da comunicação das crianças nos ambientes escolar e domiciliar. A análise de dados contemplou aqueles relevantes sobre o desenvolvimento das crianças e o desempenho escolar, buscando traçar o perfil comunicativo destas nos ambientes escolar e domiciliar, a partir de protocolos indicadores de meios e funções comunicativas. **Resultados:** Os resultados indicaram a presença de uma criança com saúde geral debilitada, com intercorrências desde o período gestacional, atraso motor e linguístico e baixo desempenho escolar. Observou-se também que todas as crianças utilizaram o meio verbal para se comunicar e a frequência mais alta de funções comunicativas apareceu em ambiente domiciliar, indicando um importante aspecto a ser considerado na estimulação da comunicação dessas crianças. **Conclusão:** Os dados deste estudo permitiram concluir que as crianças beneficiaram-se mais de contextos planejados com interlocutores familiares.

**Descritores:** Comunicação; Desenvolvimento da Linguagem; Educação Infantil.

## ABSTRACT

**Objective:** To characterize the communicative behaviors of children who entered in Primary School after the age of five. **Methods:** It was a descriptive study, held in a city at the countryside of Parana state (Brazil), in the years 2007 and 2008, in both school and home environments. Twelve children of both genders joined in the study, with age ranging from five years and two months to six years, besides their mothers and respective teachers. Interviews were conducted with mothers and a questionnaire for teachers. Afterwards, observations of the communication of children in school and home environments were conducted. Data analysis focused on those relevant to children's development and school performance, trying to determine their communicative profile in school and home environments, from protocols regarding the indicators of communication means and functions. **Results:** The results indicated the presence of a child with poor general health, with complications from the pregnancy period, with motor and language delays and low school performance. It was also observed that all children used verbal means to communicate and the highest frequency of communicative functions appeared in home environment, indicating an important aspect to be considered in the stimulation of communication of these children. **Conclusion:** Data from this study showed that the children benefited more of contexts planned with family interlocutors.

**Descriptors:** Communication; Language Development; Child Education.

Jáima Pinheiro de Oliveira<sup>(1,2)</sup>  
Rudahyra Taísa Osswald de  
Oliveira<sup>(2,3)</sup>  
Graziela Chamarelli Bougo<sup>(4)</sup>  
Ana Paula Zaboroski<sup>(5)</sup>  
Ana Cândida Schier<sup>(6)</sup>

- 1) Universidade Estadual Paulista - UNESP - São Paulo (SP) - Brasil
- 2) Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO - Irati (PR) - Brasil
- 3) Secretaria de Educação da Prefeitura de Pitanga - Pitanga (PR) - Brasil
- 4) Hospital Municipal Odilon Behrens - HMOB - Belo Horizonte (MG) - Brasil
- 5) Secretaria de Educação da Prefeitura de Rio Azul - Rio Azul (PR) - Brasil
- 6) Secretaria de Educação da Prefeitura de Mallet - Mallet (PR) - Brasil

Recebido em: 02/09/2009  
Revisado em: 24/03/2010  
Aceito em: 15/04/2010

## INTRODUÇÃO

A análise da comunicação, do ponto de vista pragmático da linguagem, tem sido alvo de investigações<sup>(1-4)</sup> e essa análise permite que sejam traçados perfis comunicativos que levem em consideração a interface entre desempenho linguístico, cognitivo e social, por isso seu uso tem sido amplo. A análise da comunicação representa um aspecto relacionado aos pré-requisitos de habilidades cognitivo-sociais, funções comunicativas, habilidades narrativas e solução de problemas<sup>(5)</sup>.

Estudos que concordam com esses pressupostos<sup>(6,7)</sup> ressaltam que mais importante do que a emissão adequada de uma determinada resposta, é a capacidade de estabelecer uma situação de interação<sup>(6)</sup>. As oportunidades de comunicação natural surgem, em sua maioria, nas situações de jogos e brincadeiras espontâneas, por meio da interação das crianças com adultos<sup>(7)</sup>.

Complementando essas ideias, os aspectos pragmáticos da linguagem enquanto competência comunicativa indicam algumas habilidades sociais como fundamentais para que a comunicação seja efetiva<sup>(5,8)</sup>. Dentre elas, pode-se citar o ato de iniciar uma conversa, responder a diferentes interlocutores, manter o tema e perceber as trocas de turno<sup>(8)</sup>. Ou seja, para que a comunicação seja eficiente, os interlocutores deverão cumprir as regras de troca de turnos, ter compromisso com o tema abordado e principalmente capacidade de adaptação aos participantes e situações novas. Sobre o domínio das regras para a conversação, a criança necessita aprender o papel de emissor e do ouvinte, preenchendo seus turnos quando necessário e permitindo que seus interlocutores preencham também os seus.

Dessa forma, o perfil funcional da linguagem mostra-se fundamental no fornecimento de um perfil fidedigno da comunicação, principalmente por se tratar de uma análise cuja principal ênfase não está centrada em elementos estruturais da linguagem<sup>(9)</sup>.

Desse ponto de vista é possível traçar os mais diversos perfis comunicativos, nas mais distintas situações, principalmente naquelas em que há ausência de oralidade ou naquelas em que essa oralidade apresenta outros prejuízos<sup>(1,10,11)</sup>.

Considerando essas premissas, os ambientes de interação natural parecem ser os mais indicados para se realizar essas análises. E nesse contexto, sem dúvida, os ambientes domiciliar e escolar parecem ser os mais importantes. Daqui pode-se inferir que a família e a escola são as instituições mais importantes em todo o processo de desenvolvimento e em especial no desenvolvimento infantil<sup>(12)</sup>. De modo específico, os estudos que abordam a análise de aspectos da linguagem apontam para a necessidade de que as alterações

no curso do desenvolvimento comunicativo sejam identificadas o mais precocemente possível, para que não haja prejuízos maiores em idade escolar<sup>(13-15)</sup>.

O uso das funções de linguagem em 240 crianças de dois a cinco anos de idade, em situação estruturada, mostraram que o uso dessas funções pelas crianças estudadas melhorou com o aumento da idade<sup>(3)</sup>. Observa-se que crianças de três anos respondem mais do que perguntam. É comentado também que apesar de ainda aparecerem algumas dificuldades articulatórias nesta idade, as diferenças individuais tornam-se mais marcadas. Algumas crianças já são, sem dúvida, mais claras que outras na sua expressão fonético/fonológica<sup>(4)</sup>.

Ao analisar o perfil comunicativo de crianças de 4 e 5 anos de idade, evidencia-se que aquelas sem alteração comunicativa ocuparam a maior parte do espaço comunicativo, quando interagem com adulto, não se limitando a responder perguntas<sup>(2)</sup>. O perfil dessas crianças revelou que o meio de comunicação predominante foi o verbal e, dentre as funções comunicativas mais utilizadas, encontravam-se as de categoria interativa (comentário e pedido de informação).

Considerando estas exposições e tomando como suporte os ambientes domiciliar e escolar como fundamentais no processo de desenvolvimento da linguagem, o presente estudo objetivou caracterizar os comportamentos comunicativos emitidos por crianças que ingressaram na Educação Infantil após os cinco anos de idade. Tal observação buscou, por sua vez, implicações para possíveis intervenções educacionais e terapêuticas referentes ao processo de desenvolvimento da linguagem oral.

## MÉTODOS

O estudo foi classificado quanto à sua abordagem, em qualitativo e, quanto ao nível da pesquisa, em descritivo. Nesse tipo de estudo, o objetivo é a descrição de características de determinada população, fenômeno ou estabelecimento de variáveis<sup>(16)</sup>.

Participaram deste estudo doze crianças, de ambos os gêneros, com faixa etária variando de 5 anos e 2 meses de idade até 6 anos completos. Destas, 6 constituíram alvo de análise e 6 tratavam-se de pares de interação. Participaram ainda as mães destas 6 crianças-alvo e seus respectivos professores. Estabeleceu-se como critérios de inclusão a participação voluntária, a partir da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelas mães das crianças e pelos professores, a idade de 5 a 6 anos completos, o ingresso em Creche ou Centro de Educação Infantil após os 5 anos de idade e a frequência regular nesses locais.

O projeto desse trabalho foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e aprovado sob o número 091/2007. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedeceram aos critérios de ética em pesquisa com seres humanos conforme resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. As mães assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após esclarecimentos de todas as dúvidas. Duas mães não autorizaram a realização de filmagens. Por isso, em respeito a esse pedido, as autoras não excluíram os 2 participantes e optaram por registrar os dados de observação das crianças por meio de preenchimento de protocolo, de modo simultâneo à observação.

O estudo ocorreu numa cidade de pequeno porte do interior do Estado do Paraná e a coleta de dados se deu em uma creche, um Centro de Educação Infantil e nas casas das crianças, no período de outubro de 2007 a julho de 2008, após a obtenção das devidas autorizações das instituições e das mães das crianças, bem como aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Ressalta-se que uma das crianças frequentava, à época, uma instituição que ainda permanecia em moldes de creche, ou seja, não havia um planejamento pedagógico efetivo voltado para questões de escolarização nesse local, em função de adaptações que ainda estavam ocorrendo na Educação Infantil.

Constituíram-se como principais materiais da coleta, brinquedos presentes na casa da criança (bonecas, carrinhos e jogos) e materiais de escritório (papel A4, lápis de cor, lápis preto nº 2). Quanto aos instrumentos utilizados, estes se caracterizaram por roteiro semiestruturado para entrevista com as mães, questionário aplicado junto aos professores e protocolos para registro, e análise das observações da comunicação das crianças nos ambientes escolar e domiciliar. Todos os instrumentos foram elaborados para a pesquisa, com base em estudos anteriores<sup>(11)</sup>.

O roteiro de entrevista com as mães foi composto dos seguintes itens: dados de identificação; dados socioculturais gerais; presença/ausência de queixa em relação ao desenvolvimento da criança; intercorrências no período gestacional; dados sobre o parto; evolução nutricional da criança; evolução das funções neurovegetativas; dados sobre o desenvolvimento da audição, da linguagem, da marcha e de aspectos cognitivos; presença/ausência de hábitos nocivos orais e evolução destes; evolução de aspectos de interação e dados escolares.

O questionário aplicado junto aos professores apresentava itens referentes a(o): identificação; presença/ausência de queixa escolar; caracterização da queixa escolar, quando de sua presença; perfil acadêmico geral; comportamento da criança em sala de aula; relação com colegas e professor; desempenho comunicativo da criança em sala de aula e desempenho em linguagem escrita.

O protocolo para registro da observação da comunicação das crianças continha um campo para descrever a situação comunicativa geral (exemplo: crianças em atividade de desenho e pintura) e campos para os eventos comunicativos emitidos pelos envolvidos na situação. Considerou-se como evento comunicativo qualquer emissão (de fala ou gestual) que partisse de um dos interlocutores direcionada para outro interlocutor presente na interação.

A coleta de dados se dividiu em três etapas. Num primeiro momento, os contatos com as instituições permitiram a coleta de autorização para início do estudo. Após a seleção das crianças, solicitaram-se as autorizações das mães. Ainda nessa etapa procedeu-se às entrevistas com as mães, a fim de identificar fatores biológicos e ambientais que pudessem interferir no desenvolvimento comunicativo das crianças selecionadas para a pesquisa.

Com os professores aplicou-se um questionário abordando questões acerca do desempenho da criança, aspectos interacionais, dentre outros, conforme descrição anterior desse instrumento.

Num segundo momento, procedeu-se às 4 observações de cada criança-alvo em ambiente escolar e em ambiente domiciliar, com protocolo específico para esse registro, descrito anteriormente. As situações para essas observações, parcialmente planejadas, ocorreram da seguinte forma: em ambiente escolar, 2 crianças-alvo foram colocadas numa mesa infantil com 2 colegas (pares de interação) a fim de realizarem uma atividade de desenho e pintura. Essa situação repetiu-se em dois dias, na mesma semana. Ao ser iniciada a atividade, dois observadores independentes ficavam responsáveis pelo registro dos eventos comunicativos. Cada observador registrava os eventos de duas crianças. As outras 2 observações, ainda em ambiente escolar, ocorreram em situação de lanche, também dispoendo 2 crianças-alvo com 2 pares de interação. Essa situação foi repetida nas 2 instituições.

Em ambiente domiciliar, elaborou-se uma situação de interação com brinquedos escolhidos pelas crianças (bonecas, carros, jogos) e a mãe da criança-alvo foi instruída a brincar com o filho como fazia habitualmente. Nessa situação havia apenas um observador para registrar os eventos comunicativos. Todas as observações tiveram duração aproximada de 20 minutos e também repetiu-se em 4 dias, duas vezes por semana.

A análise das entrevistas procurou elencar os dados mais relevantes no que diz respeito ao desenvolvimento da criança e o questionário aplicado junto aos professores, buscou dados para traçar um perfil acerca do desempenho escolar.

Em relação às observações, considerou-se o período de adaptação das crianças aos observadores nas primeiras

sessões e, portanto, apenas as duas últimas observações constituíram alvo de análise. Para essa análise, utilizou-se um protocolo<sup>(17)</sup> no qual há uma definição detalhada de meios e funções comunicativas. No caso do presente estudo, por não haver filmagens e, portanto, o registro das observações ter sido realizado de modo simultâneo, optou-se por categorizar apenas três meios comunicativos (verbal, gestual e outros). Na categoria outros entrariam meios vocal, ação motora, verbal/gestual, vocal/gestual, verbal/ação motora, vocal/ação motora), porém, para esse detalhamento, seria necessário um registro por meio de filmagens. Sobre a análise das funções, a categorização foi baseada em estudo<sup>(17)</sup> onde há uma definição e descrição de 5 Categorias e 30 Subcategorias funcionais de comunicação e a análise é feita por meio da classificação dos eventos comunicativos registrados.

Por se tratar de uma classificação, os dados das observações foram submetidos ao cálculo do índice de concordância, considerando as funções comunicativas atribuídas individualmente pelos observadores. Esse índice é utilizado para verificar se há confiabilidade nos registros, minimizar a parcialidade de algum observador e confirmar a definição apurada de cada comportamento. Para essa análise, utilizou-se os dados de 2 crianças, selecionadas aleatoriamente por 2 juízes. Obteve-se um índice de 81% nas sessões em ambiente escolar e de 84% nas sessões em ambiente domiciliar.

A seguir são indicados alguns eventos comunicativos, bem como sua classificação, para fins de exemplificar a análise feita.

- a) Exemplos de eventos comunicativos obtidos em ambiente escolar:

*Solicitações:*

P1: “*deixa eu ver o seu*” (referindo-se ao desenho do colega)

*Respostas:*

Colega: “*you vai pintar de que cor?*” (pergunta a P2, durante atividade de desenho e pintura)

P2: “*azul*”

*Vocativo e solicitação:*

P3: “*J., você me empresta este?*” (referindo-se a um lápis-de-cor)

*Confirmação:*

Colega: “*sim.*”

Colega: *you não vai pintar?*

*Respostas:*

P5: “*vou.*”

- b) Exemplos de eventos comunicativos obtidos em ambiente domiciliar

*Solicitações e vocativo:*

P1: “*Mãe, você coloca pra mim aqui?*” (pedindo à mãe para colocar uma peça no brinquedo)

*Comentários e vocativo:*

P2: “*essa é feia, mãe!*” (comentando sobre a roupa da boneca)

*Reconhecimento:*

P5: “*é meu*” (pega o brinquedo dele, separando-o dos outros)

*Resposta:*

Mãe: “*Você vai brincar com este?*” (pergunta à criança e mostra um brinquedo)

P6: “*não.*”... (pega outro brinquedo)...*esse*” (entrega para a mãe)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### a) Dados relevantes do desenvolvimento das crianças

Os dados apresentados na Tabela I indicam alguns dos fatores que possivelmente podem ter interferido ou que ainda estejam influenciando o desenvolvimento das crianças. Destacam-se os dados referentes aos participantes P5 e P6. Ambos tiveram intercorrências no parto e atraso neuropsicomotor. Vale ressaltar que estes dados se referem aos relatos obtidos junto às mães.

Em relação às intercorrências no parto, segundo a mãe de P5, este “*demorou para chorar*” e teve “*dificuldades respiratórias*”. Quanto ao P6, a mãe relatou que o mesmo “*permaneceu em incubadora*” por duas semanas.

Observam-se ainda atrasos neuropsicomotores nos desenvolvimentos de P4 e P5 e P6, caracterizados por: “*demora para andar*” (P5 iniciou a marcha com 14 meses e P6 com 15 meses) e “*demora para falar*” (P4 e P5 falaram as primeiras palavras após os 15 meses).

Tabela I - Distribuição de dados segundo eventos ocorridos ao longo do primeiro ano de vida das crianças.

CATEGORIAS	PARTICIPANTES					
	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Intercorrências na gestação	0	0	1	0	1	0
Intercorrências no parto	0	0	0	0	1	1
Amamentação natural até 6º mês de vida	0	0	0	0	0	0
Atraso de marcha	0	0	0	0	1	1
Atraso de linguagem	0	0	0	1	1	0
Hospitalizações frequentes no 1º ano de vida	0	0	0	0	1	0
Saúde geral debilitada	0	0	0	0	1	0

Legenda: 0: ausente; 1; presente.

Ressalta-se que durante a entrevista essas mães negaram a existência de outros fatores, por exemplo, de ordem psicossocial, que pudessem interferir no desenvolvimento das crianças. Sabe-se, no entanto, que é preciso considerar a interação dos fatores biológicos com os ambientais ao longo do processo de desenvolvimento<sup>(19)</sup>.

De modo específico, a literatura acerca da interferência de situações de risco no desenvolvimento infantil é vasta<sup>(20-22)</sup>, e, nesse sentido, há um consenso entre os autores de que, mesmo que haja uma situação isolada, é necessário acompanhar o desenvolvimento da criança com atenção especial para seus primeiros anos de vida, a fim de evitar e/ou minimizar possíveis alterações advindas dessa situação de risco.

## 2) Dados acerca do desempenho escolar

Na Tabela II são indicados dados acerca do desempenho geral das crianças na instituição, de acordo com relatos obtidos com o professor. Novamente destacam-se os dados referentes aos participantes P5 e P6, quanto a: ausência de interação com colegas (P6) e professor (P5 e P6); não estarem alfabetizados (P5 e P6); apresentarem dificuldades em relação às atividades propostas (P3, P4, P5 e P6) e dificuldades de linguagem (P4, P5 e P6), de acordo com relatos da professora, P5 e P6 “trocam muito as letras para falar” e P4 “fala pouco”. A professora comentou ainda que essas crianças “parecem demorar mais para compreender o que ela pede”, quando comparadas às outras.

Há autores que apontam as dificuldades de linguagem oral, principalmente em seus aspectos de forma e conteúdo, como extremamente interferentes em todo o processo de aprendizagem escolar<sup>(23-26)</sup>.

Tabela II - Distribuição de dados segundo o desempenho escolar e a interação das crianças.

CATEGORIAS	PARTICIPANTES					
	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Interage com todos os colegas	1	1	0	1	0	1
Interage com o professor	1	1	1	1	0	0
Dificuldades na realização de atividades	0	0	1	1	1	1
Não está alfabetizado	0	0	0	0	1	1
Dificuldades na realização de cópia	0	0	0		1	1
Dificuldades na linguagem oral	0	0	0	1	1	1
Apresenta isolamento	0	0	0	0	1	0

Legenda: 0: ausente; 1; presente.

Se considerar-se o processo de aprendizagem ligado a um processo global de crescimento e desenvolvimento de novas habilidades, adquiridas de acordo com as experiências e incentivos oferecidos pelo ambiente, é possível que um atraso de linguagem oral interfira sobremaneira na aprendizagem escolar. Além disso, a aprendizagem escolar está intimamente relacionada ao ambiente de aprendizagem formal (Escola), condições orgânicas, emocionais, estrutura familiar e principalmente ao desenvolvimento cognitivo e de linguagem<sup>(27)</sup>.

Até aqui, os relatos familiares e escolares de P5 e P6 parecem indicar a necessidade de intervenção no desenvolvimento dessas crianças.

## 3) Observações nos ambientes escolar e domiciliar

Observa-se nas Tabelas III e IV que todas as crianças utilizaram o meio verbal para se comunicar, comportamento este esperado para a idade na qual se encontram.

Quanto ao nível do diálogo, os dados contidos nas Tabelas III e IV referentes às P3, P4, P5 e P6 chamam a atenção. As duas primeiras crianças iniciam e mantêm o diálogo, mas não o prolongam. Já as crianças P5 e P6 não iniciam diálogo e nem o prolongam, apenas o mantêm. Esse comportamento em relação ao discurso pode justificar parte dos comportamentos relatados anteriormente, principalmente em relação ao isolamento e dificuldade de linguagem, e também justificam a presença de respostas nas funções comunicativas dessas crianças. Embora estejam em idade pré-escolar, confirmam o atraso de linguagem com dados que vão ao encontro de outros estudos<sup>(4,28)</sup>.

Tabela III - Distribuição dos dados segundo os comportamentos comunicativos presentes em ambiente escolar, de acordo com categorias e subcategorias encontradas.

CATEGORIAS	PARTICIPANTES					
	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Meio de comunicação	V	V	V	V	V	V
Níveis de diálogo	I;M; Pr	I;M; Pr	I;M	I;M	M	M
<b>SUBCATEGORIAS</b>						
Solicitações	1	1	1	0	0	0
Respostas	1	1	0	0	0	1
Confirmações	1	1	1	0	1	1
Vocativos	1	1	1	0	0	0

Legenda: V; verbal; I: inicia; M: mantém; Pr: prolonga; 0: ausente; 1: presente.

Tabela IV - Distribuição dos dados segundo os comportamentos comunicativos presentes em interação domiciliar, de acordo com categorias e subcategorias encontradas.

CATEGORIAS	PARTICIPANTES					
	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Meio de comunicação	V	V	V	V	V	V
Níveis de diálogo	I;M; Pr	I;M; Pr	I;M	I;M	I;M	I;M
<b>SUBCATEGORIAS</b>						
Solicitações	1	1	0	0	0	0
Comentários	1	1	0	1	0	0
Respostas	1	1	0	0	1	1
Reconhecimentos	1	1	1	1	1	1
Vocativos	1	1	1	0	0	0

Legenda: V: verbal; I: inicia; M: mantém; Pr: prolonga; 0: ausente; 1: presente.

Especificamente sobre o comportamento de prolongar o discurso, ele pode ser considerado como uma habilidade comunicativa um pouco mais elaborada em função da própria idade em que se encontram as crianças, ou seja, fase narrativa. Além disso, essa habilidade cognitiva pode interferir na futura produção escrita de histórias<sup>(29)</sup>. As crianças desde cedo são ensinadas a contar histórias, uma vez que, se ao contá-las, não utilizarem devidamente as convenções, os ouvintes reclamam, param de ouvir, zombam, corrigem o narrador, dentre outros comportamentos<sup>(30)</sup>.

Nesse sentido, os dados do presente estudo podem sugerir uma ausência desse comportamento em diversas situações de comunicação ao longo do desenvolvimento das crianças analisadas. Enfim, quando a criança mostra-se capaz de iniciar, manter e prolongar o discurso, sua linguagem pode ser comparada à do adulto e isso normalmente ocorre por volta dos cinco anos de idade. Por outro lado, embora os dados possam indicar a ausência dessa habilidade na maior parte das crianças, essa afirmação não deverá ser sustentada somente por essa análise, pois se trata apenas de um contexto.

Em relação às funções comunicativas, presentes em ambiente escolar, foi registrada uma variedade pequena (4) das mesmas.

Alguns estudos<sup>(1,2)</sup> indicam que essa variedade pode chegar a 30, embora se tratem, em grande parte, de situações planejadas. E mesmo em situações livres, essa variedade também pode ser considerada grande<sup>(17)</sup>.

Em outro estudo<sup>(28)</sup>, as autoras verificaram que a análise do perfil das habilidades conversacionais das crianças revelou que elas mais respondem/mantém do que iniciam a conversação. Também foi observado no presente estudo que a função predominante na comunicação das crianças é a informativa.

Em relação ao ambiente domiciliar, alguns dados merecem destaque: na comunicação de P5 e P6 aparece a habilidade de iniciar o discurso em interação com suas mães. Embora seja uma figura familiar, isso é um importante indicativo de uma situação para o favorecimento dessa habilidade, já que isso não ocorreu nas outras situações. Embora se esteja diante de um contexto específico e não se tenha registros das frequências dessas habilidades, a presença delas trata-se de um dado relevante.

Normalmente os pais, primeiros interlocutores, ajustam sua fala à da criança com o intuito de facilitar a comunicação. Esse comportamento comunicativo dos pais pode ser um importante facilitador no desenvolvimento das habilidades comunicativas das crianças<sup>(31)</sup>.

Referente às funções, a variedade destas aumentou (5) durante a interação das crianças em ambiente domiciliar, muito provavelmente pela familiaridade com o ambiente. O fato de essas interações terem sido parcialmente planejadas (uso de brinquedos) pode ser um indicativo da necessidade de terapia, no sentido desta situação, devidamente planejada, possibilitar a emergência de novas funções comunicativas<sup>(1)</sup>. Especialmente as crianças P5 e P6 seriam beneficiadas nesses contextos específicos. Essa observação pode ser estendida em relação às atividades escolares, ou seja, em determinadas situações, também devidamente orientadas, essas funções podem ser favorecidas.

## CONCLUSÕES

Com base no perfil comunicativo das crianças analisadas foi possível concluir que ao dialogar com crianças que ingressaram na Educação Infantil após os 5 anos de idade, elas respondem mais do que iniciam a conversação e se beneficiam de contextos planejados com interlocutores familiares. No entanto, essa conclusão é restrita a essa análise, em função da pequena amostra do estudo.

Foi possível concluir também que essas crianças com esse perfil possuem fatores biológicos associados ao seu desenvolvimento e parecem ter maiores prejuízos no seu desenvolvimento de linguagem, caracterizado pelo isolamento social em ambiente escolar.

Nesse mesmo ambiente, a comunicação dessas crianças se caracteriza pela não utilização de produções que indicam início e prolongamento de diálogo, indicando uma importante alteração pragmática.

Na análise da ocorrência das funções comunicativas em ambiente escolar surge uma variedade muito baixa destas (solicitações, respostas, confirmações e vocativos). Em ambiente domiciliar, a variedade das funções aumenta, embora ainda possa ser considerada baixa (respostas e solicitações, comentários, reconhecimentos e vocativos).

Alerta-se para que não sejam generalizados os dados aqui obtidos, por se tratar de uma pequena amostra. Sugere-se que se dê continuidade ao estudo com amostras maiores e com maior número de observações.

## REFERÊNCIAS

1. Rocha LC, Befi-Lopes DM. Análise pragmática das respostas de crianças com e sem distúrbio específico de linguagem. *Pró-Fono*. 2006;18(3):229-39.
2. Cervone LM, Fernandes FDM. Análise do perfil comunicativo de crianças de 4 e 5 anos na interação com o adulto. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2005;10(2):97-105.
3. Klecan-Aker JS, Swank PR. The use of a pragmatic protocol with normal preschool children. *J Commun Dis*. 1988;21(1):85-102.
4. Rigolet SAN. Para uma aquisição precoce e otimizada da linguagem: linhas de orientação para crianças até os seis anos. Porto; 1998.
5. Wetherby AM, Rodriguez GP. Measurement of communicative intentions in normally developing children during structure and unstructured contexts. *J Speech Hear Research*. 1992;35(1):130-8.
6. Fernandes FDM. Fonoaudiologia em distúrbios psiquiátricos na infância. São Paulo: Lovise; 1996.
7. Fernandes FDM. Investigação e terapia de linguagem em autismo infantil. *Rev Soc Bras Fono*. 1998;2(4):34-8.
8. Owens RE. Language disorders: a functional approach to assessment and intervention. State University of New York; 1999.
9. Fernandes FDM. Pragmática. In: Aandrade CRF, Befi-Lopes DM, Fernandes FDM, Wertzner H. ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. Barueri; 2004. p. 83-97.
10. Miilher LP, Fernandes DM. Análise das funções comunicativas expressas por terapeutas e pacientes do espectro autístico. *Pró-Fono*. 2006;18(3):239-48.
11. Oliveira JP, Marques SL. Análise da comunicação verbal e não-verbal de crianças com deficiência visual durante interação com a mãe. *Rev Bras Educ Espec*. 2005 [acesso 2007 Dez 10].11(3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413>
12. Dessen MA, Polonia AC. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia [periódico na internet]* 2007 [acesso em 2007 Nov 05];17(36):21-32. Disponível em: <http://www.scielo.br/paideia>.
13. Schirmer C, Fontoura DR, Nunes ML. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. *J Pediatr*. 2004;80(2):95-103.
14. Landry SH, Smith KE, Swank PR. Environmental effects on language development in normal and high-risk child population. *Semin Pediatr Neurol*. 2002;9(3):192-200.
15. Zorzi JL, Hage SRV. Protocolo de observação comportamental: avaliação de linguagem e aspectos cognitivos infantis. São José dos Campos (SP): Pulso editorial; 2004.
16. Cozby PC. Métodos de Pesquisa em Ciência do Comportamento. São Paulo: Atlas; 2003.
17. Oliveira JP. Análise do uso da linguagem em crianças com deficiência visual sob uma perspectiva funcional [dissertação]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos; 2004.
18. Gillam RB, Hoffman LM. Language assessment during childhood. In: Rucello DM (editor). *Tests and measurements in speech-language pathology*, Butterworth Heinemann. New York: Newton, MA. 2001.
19. Papalia DE, Olds SW, Feldman RD. Desenvolvimento humano. 8ª ed. Porto alegre: Artmed; 2006.
20. Rodrigues MCC, Mello RR, Fonseca SC. Learning difficulties in schoolchildren born with very low birth weight. *J Pediatr*. 2006;82(1):6-14.
21. Halpern R, Figueiras ACM. Influências ambientais na saúde mental da criança. *Jornal de Pediatria [periódico na internet]* 2004 [acesso em 2007 Mai 20];02:104-10. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa12.pdf>
22. Miranda LP, Resegue R, Figueiras AMC. A criança e o adolescente com problemas do desenvolvimento no ambulatório de pediatria. *Jornal de Pediatria*. 2003;79 (suppl.1) S33-S42

- 
23. Capovilla AGS, Gutzchow CRD, Capovilla FC. Habilidades cognitivas que predizem competência de leitura e escrita. *Psicol Teo Prát* [periódico na internet] 2004 [acesso em 2007 Mai 20];6(2):13-26. Disponível em: [www3.mackenzie.br/editora/index.php/ptp/article/view/1161/862](http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/ptp/article/view/1161/862)
24. Capovilla AGS, Soares JVT, Capovilla FC. Consciência sintática no ensino fundamental: correlações com consciência fonológica, vocabulário, leitura e escrita. *Psico USF*. 2004;9(1):39-47.
25. Vance M. Avaliação da habilidade de processamento da fala nas crianças. In: Snowling M, Stackhouse J, organizadores. *Dislexia, Fala e Linguagem*. Porto Alegre: Artes medis; 2004.
26. Papis L. Consciência fonológica como meio de avaliação de crianças com dificuldade de aprendizagem escolar. *Rev CEFAC*. 2001;3:117-21.
27. Dockrell J, McShane J. Crianças com dificuldade de aprendizagem: uma abordagem cognitiva. Porto Alegre: Artmed; 2000.
28. Hage SR, Resegue MM, Viveiros DCS, Pacheco EF. Análise do perfil das habilidades pragmáticas em crianças pequenas normais. *Pró-Fono* [periódico na internet] 2007 [acesso 2009 Jan 30];19(1). Disponível em: [www.scielo.br/pdf/pfono/v19n1/05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pfono/v19n1/05.pdf)
29. Silva MEL, Spinillo AG. A influência de diferentes situações de produção na escrita de histórias. *Psicol Reflex Crit*. 2000;13(3):337-50.
30. Brockmeier J, Harré R. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicol Reflex Crit* 2003;16(3):525-35.
31. Siller M, Sigman M. The behaviors of parents of children with autism predict the subsequent development of their children's communication. *J Autism Dev Disord*. 2002;32(2):77-89.

**Endereço para correspondência:**

Jáima Pinheiro de Oliveira  
 Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)  
 Setor de Ciências da Saúde  
 Departamento de Fonoaudiologia  
 PR 153 - km 07 - Riozinho - Caixa Postal 21  
 CEP: 84500 - 000 - Irati - PR - Brasil  
 E-mail: [jaimafono@gmail.com](mailto:jaimafono@gmail.com)